

CASTANHEIRA, Ludmila de Almeida. O que, onde e por que? Performance art, Liminalidade e Communitas. Campinas: Unicamp. Doutorado; Verônica Fabrini. Performer.

Resumo:

Este artigo relaciona as noções de performance art, Communitas e Liminalidade (TURNER: 1976; 1982; 1986) enquanto especificidade da linguagem, na Arte; e enquanto generalidade das manifestações do humano, na Antropologia. Para a análise das aproximações e distinções entre Arte e Antropologia, elegemos como objeto os Festivais de Apartamento: eventos de performance art, organizados por nós. Estes vêm acontecendo semestralmente desde 2008 de forma itinerante. Concretizam-se sem que haja curadoria, fora do espaço das galerias e sem apoio institucional.

Palavras-chave: Festivais de Apartamento, Liminalidade, Communitas.

1. O que:

(*Performance* ou “Isso é arte?!”)

“*Performance*”, do inglês, está atrelada ao “bem fazer” algo. E se conecta aos dos atletas, às máquinas, ao desempenho sexual, ao *show*. Há entre os artistas da *performance* quem busque por outros termos para se referir a ela¹. E quem milite para que essa nomeação seja entendida como algo referente à arte².

A discussão toca ainda a a *performance* enquanto abrangência – situada no campo da Antropologia e, portanto, relativa à dimensão dos modos operação eminentemente humanos – e enquanto especificidade – circunscrita no território da Arte, panorama estético, fundador de determinada linguagem. Ambos os saberes interpenetram-se e contribuem, por exemplo, para o esgarçamento dos limites entre arte e vida.

A *performance* subentendida como arte abarca, do mesmo modo, distribuir papéis em branco nas ruas, travestir-se e dublar músicas numa boate, suspender-se por ganchos na pele, ou empreender rituais fetichistas de dominação e sujeição. De fato, os exemplos e a diversidade se expandiriam tanto que seria impossível terminar este texto.

Human performance is paradoxical, a practiced fixedness founded on pure contingency: the weird delight people have in going up on point, or watching a trained trapezist make three-and-a-half somersaults, or even applauding the choreographed ineptitude of the clowns” (SCHECHNER, 1982, p.10).

A *performance* não obedece a uma forma e, embora se possam detectar alguns procedimentos comuns às ações que se abrigam sob esse nome, seria ingênuo falar

1 Bia Medeiros, professora da UNB (Brasília) e integrante no núcleo “Corpos Informáticos” (<http://www.corpos.org/>), implode as noções de artista e obra. Figuras em sua escrita bem humorada, termos como “fuleragem mixuruca”, em substituição a “performance efêmera”.

2 Lúcio Agra, professor das Artes do Corpo da PUC – SP defende que as manifestações artísticas que, embora abrangentes, vêm sendo nomeadas como *performance art* desde a década de 70, adquirem o direito tácito de manter o termo no campo da arte.

sobre uma “técnica” de *performance*. Em decorrência dessa característica aberta, é comum que os artistas de *performance* sejam confrontados com formulações como “Isso é arte?”, “O que isso significa?”, “O que você quis dizer com isso?”.

O “isso” está pautado no bem fazer, na representação e linearidade do discurso que “quer dizer” algo “através” de algo; na concepção do artista como virtuose e, portanto, situado num patamar superior ao homem comum; na dimensão de arte que produz algo: oferece objetos fixos no tempo e no espaço, verificáveis, passíveis de comercialização e nomeação.

Estas formulações sobre o “isso” nos permitem chegar mais perto de um conjunto no qual a *performance* opera. Conforme observado por Turner (1982), a *performance* coabita, denuncia e transgride panoramas que se pretendem estáveis:

Ritual, rigid procedures, regular formalities, symbolic repetitions of all kinds as well as explicit laws, principles, rules, symbols, and categories are cultural representations of fixed social reality, or continuity. They present stability and continuity acted out and re-enacted; visibly continuity. By dint repetition they deny the passage of time, the nature of change, and the implicit extent of potential indeterminacy in social relations. Whether these processes of regularization are sustained by tradition or legitimate by revolutionary edict and force, they act to provide daily regenerated frames, social constructions of reality, within which the attempt is made to fix social life, to keep it from slipping into the sea if indeterminacy (p.78).

Performar parece estar ligado a um modo de vida idiossincrático, de reinvenção da “normalidade”. Neste fazer artístico, ressaltam-se traços do hábito que o tornam questionável. A *performance* cria realidades outras, com lógicas que não são senão a sua própria, liminar:

Passagens liminares e “liminares” (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá. São um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas do ponto de vista da manutenção da lei e da ordem. A “*communitas*” é um relacionamento não estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Estes indivíduos não estão segmentados em funções e “status” mas encaram-se como seres humanos totais (TURNER, 1974, p. 05).

Sim, “isso é arte”, enquanto firmada no jogo tácito entre o *performer* e o olhar – envolvimento e disponibilidade – daqueles a quem participa suas ações. Ações dessa natureza não cabem nos grandes circuitos que congregam artistas, mídia, *marchands* e galerias. Para que não se veja restringida em suas características de contestação do *status quo*, a *performance* funda seus próprios meios de circulação.

2. Onde?

(Nas brechas, entre, ou “E viva ao nomadismo!”)

Os Festivais de Apartamento³ são apropriações dos *Apartment Festivals*, que tiveram sua maior expressão na década de 80 e se estenderam até 1995, acontecendo em cidades do Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Itália, França e Holanda.

Idealizados pelos neoístas⁴, eram reuniões feitas nas residências dos artistas envolvidos, que transitavam entre festas e pequenas mostras de trabalhos então mal vistos pelos órgãos de arte considerados “sérios”.

³ <http://festivaldeapartamento.blogspot.com>

Os neoístas eram simpatizantes do plágio criativo. Assim, em 2008, um grupo de artistas do interior do estado de São Paulo retomou algumas de suas ideias, considerando as distinções entre o Brasil atual e o “primeiro mundo” da década de 80.

Em nosso contexto, existem meios de arte que admitem, por exemplo, trabalhos irônicos ou de cunho denunciador. Porém, através de diversos mecanismos, também estes circuitos estabelecem os seus favoritos e os modelos que o artista deve seguir para integrá-los.

Os critérios de eleição das obras se dão, comumente, por análises exteriores a elas, ou pela ausência de análise. Alguns agentes se pautam no retorno financeiro que determinadas obras darão a si ou aos órgãos a que estão vinculados. Ou nos afetos (positivos ou não) criados com os artistas.

Não há curadoria nos Festivais de Apartamento, o evento aceita quem se inscreve, até o limite que o espaço e os produtores possam receber. Não há apoio de quaisquer instituições para os Festivais de Apartamento, o que coloca artistas iniciantes e experientes em pé de igualdade. Na maioria dos editais, é incomum artistas iniciantes serem admitidos: para receber apoio, é preciso que o artista disponha de documentação de seus trabalhos para certificar que os concretizou outras vezes.

A principal ideia neoísta então revisitada é a de realizar ações artísticas sem, necessariamente, estarmos amparados por espaços que se consagraram como adequados à arte (galerias, teatros, museus, etc.). Não se trata de estar “contra” os “espaços de arte” ou de querer superá-los, mas de abrir novas possibilidades.

Para que se realizem os Festivais de Apartamento são postas em cheque convenções que determinam o que é arte, quem são as pessoas permitidas a exercê-la, onde ela deve se colocar e quais são as maneiras de dispô-la.

Os Festivais de Apartamento criam uma estrutura própria, negando ao mesmo tempo em que mantêm relações com a estrutura social. Essa labilidade dos Festivais permite observar neles alguma semelhança com a “communitas”, tal como entendida por Turner (1982):

Communitas itself soon develops a (protective social) structure, in which free relationships between individuals become converted into norm-governed relationships between social personae. The so-called "normal" may be more of a game, played in masks (personae), with a script, than certain ways of behaving "without a mask", that are culturally defined as "abnormal", "aberrant", "eccentric", or "way-out". Yet communitas does not represent the erasure of structural norms from the consciousness of those participating in it; rather its own style, in a given community, might be said to depend upon the way in which it symbolizes the abrogation, negation, or inversion of the normative structure in which its participants are quotidianly involved (p. 47).

Desde 2008, realizaram-se onze edições do evento. Nossa proposta é realizá-las a cada vez que um artista disponibiliza sua casa para recebê-las. Por isso, o encontro adquiriu caráter itinerante, passando pelas cidades de Rio Claro, Campinas (Barão Geraldo), São Paulo, São José do Rio Preto e São Carlos. Nossa XII edição teve o

4 movimento artístico nebuloso quanto aos seus propósitos e do qual quase não se têm registros. Algumas informações podem ser encontradas no livro “Assalto à Cultura: utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX” (Conrad Editora, 1999), de Stewart Home, sob a perspectiva do autor, que se inclui e satiriza o grupo.

aspecto especial de acontecer, pela primeira vez, em Minas Gerais, reiterando e expandindo nosso nomadismo. Artistas de Uberlândia nos receberam em 20/04/2013.

3. Por que?

(Celebrações do esdrúxulo, “*revival hippie*” ou “Porque sim, ora bolas!”)

Por que, afinal, ocupar-se de um evento dedicado a uma linguagem algo flutuante e que deixa a formulação “retorno financeiro” com ares de piada? Para que fazer Festivais de Apartamento e, mais ainda, para que fazê-los, deliberadamente, sem fomento de quaisquer instituições?

Porque é possível.

Os Festivais de Apartamento são efêmeros, pequenos e gozam de uma saudável inexistência. Entre uma convocatória e outra, jazem no esquecimento enquanto exibimos no *blog* o registro da edição anterior. Cada edição tem a duração de uma noite apenas, e nós não somos capazes de abrigar muito mais do que 25 ações.

Não há ajuda de custo, hospedagem, alimentação ou traslado. Não emitimos certificados, nem dispomos de chancela. Ou seja: somos uma grande celebração do esdrúxulo, das coisas que não cabem, do que não faz sentido dentro de uma lógica assertiva.

Não se trata de nos contrapor ao formato dos editais, ainda que eles existam em quantidade menor que nossa capacidade criativa, e que não contemplem a diversidade dela. Ainda que seja necessário contar com certa obtusidade de algumas bancas ou escrever de modo que haja brechas em que pesem o gosto do curador e o que desejamos fazer de fato.

Não se trata de entender a arte e o artista fomentado como menores, menos pungentes ou qualquer acepção que denote inferioridade. E, absolutamente, não se postula um *revival hippie* que pretenda desfazer-se dos bens materiais.

Porém, urge revisarmos que tipo de sociedade temos engendrado:

Um modo de vida baseado meramente na propriedade não é o destino final da humanidade, se o progresso tem de ser a lei do futuro como foi do passado... a dissolução da sociedade promete vir a ser o término de um modo de vida do qual a propriedade é o fim e o objetivo; porque essa existência contém os elementos de sua própria dissolução. A democracia no governo, a fraternidade na sociedade, a igualdade de direitos e privilégios e a educação universal pressagiam o próximo plano mais elevado da sociedade, para o qual tendem continuamente a experiência, a inteligência e o conhecimento (Morgan, *apud* Turner, p. 158).

Ser artista presentifica operações quase sempre inquietas e desestabilizadoras do *status quo* e embebidas de determinada ética e posicionamento político. Porém, não desconsideramos o fato de ser indispensável encontrarmos meios de nos sustentar. Os Festivais de Apartamento não foram inscritos em editais porque, até o momento, foi possível se portar assim. Isso é suficiente para alimentar a utopia de seus organizadores

Esse formato não diz respeito somente à geração de um território para empreender ações performativas, embora venha contemplando essa solicitação de modo relativamente satisfatório. Nos os realizamos assim por percebermos nessa forma de existir algumas premissas que nos são caras. Um feixe de vontades e concreções está implicado em fazer Festivais de Apartamento, no qual se localiza, por exemplo, nosso desejo de trocas reais com nossos pares. Isso só é possível se mantivermos um número de participantes humanamente visitáveis.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



experience urges toward expression, or communication with others. *We are social beings, and we want to tell what we have learned from experience.* The arts depends on this urge to confession or declamation. The hard-won meanings should be said, painted, danced, dramatized, put in to circulation... Self and not self, ego and egolessness, assertion and altruism, meet and merge in signifying communication⁵ (TURNER, 1986, p.37)

Nada de novo se afirma neste enunciado, assim como ele não pretende ser a solução definitiva para as questões que orbitam pelo fazer performativo. É uma forma que encontramos de manter viva a utopia. O evento se comunica e é endossado por artistas que, cientes ou não desse levante⁶, têm se deslocado às próprias expensas em direção a umas noites que parecem suspender o estabelecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

HOME, Stewart. **Assalto à cultura: Utopia Subversão Guerrilha na (Anti)Arte do Século XX.** São Paulo: Conrad Editora, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Corpos Indisciplinados. Ação Cultural em tempos de biopolítica.** São Paulo: Beca, 2007.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance.** No site: Hemispheric Institute – Instituto Hemisférico de Performance e Política: http://hemi.es.its.nyu.edu/course-rio/perfconq04/materials/text/OqueePerformance_Schecner.htm. Acessado em 10 de Setembro de 2009.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura.** Editora Vozes. Petrópolis: RJ. 1974.

_____. **From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play.** PAJ Publications. A division of performing artist journal. New York, 1982.

_____. **The Anthropology of Performance.** PAJ Publications. A division of performing artist journal. New York, 1982.

_____. **The Anthropology of experience.** University of Illinois. Chicago, 1986.

5 Grifos nossos.

6 O levante é uma ação de independência cuja experiência gera uma mudança substantiva no sujeito. O potencial da vida cotidiana está em cena: a socialidade cotidiana é eminentemente cultural (Oliveira, 2007, p. 33).